

Moura Neves, María Helena de

Uma gramática de usos do português para reflexão escolar

V Jornadas Internacionales de Investigación en Filología Hispánica

21, 22 y 23 de marzo de 2012

CITA SUGERIDA:

Moura Neves, M. H. (2012) *Uma gramática de usos do português para reflexão escolar [en línea]. V Jornadas de Filología y Lingüística, 21, 22 y 23 de marzo de 2012, La Plata, Argentina. Identidades dinámicas. Variación y cambio en el español de América. En Memoria Académica. Disponible en:*
http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.3802/ev.3802.pdf

Documento disponible para su consulta y descarga en **Memoria Académica**, repositorio institucional de la **Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación (FaHCE)** de la **Universidad Nacional de La Plata**. Gestionado por **Bibhuma**, biblioteca de la FaHCE.

Para más información consulte los sitios:

<http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar>

<http://www.bibhuma.fahce.unlp.edu.ar>



Esta obra está bajo licencia 2.5 de Creative Commons Argentina.
Atribución-No comercial-Sin obras derivadas 2.5

Identidades dinâmicas: variação e mudança no espanhol da América

I Congresso da Delegação Argentina da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL) e V Jornadas Internacionais de Filologia Hispânica

UMA GRAMÁTICA DE USOS DO PORTUGUÊS PARA REFLEXÃO ESCOLAR

Maria Helena de Moura Neves
Universidade Presbiteriana Mackenzie; UNESP-Araraquara/CNPq-Brasil
mhmneves@uol.com.br

ÁREA TEMÁTICA: *Heterogeneidad lingüística y educación*

Resumo

Este trabalho faz a apresentação de uma nova gramática do português elaborada a partir de usos (NEVES, no prelo), com a mesma orientação teórica funcionalista explicitada em Neves (1997, 2002, 2003, 2006 e 2010, entre outros) que orienta a *Gramática de usos do português* já publicada (NEVES, 2000), entretanto preparada com explícita ancoragem em textos, e com discursivização destinada à sua inserção no campo educativo (uma das vertentes deste evento). Essa proposta de discussão escolar de uma gramática baseada nos usos, tal como a proponho, valoriza o estudo gramatical ancorado na reflexão sobre a linguagem a partir de textos, sem que eles se invoquem como pretexto para apresentação de padrões ou de simples aspectos taxonômicos. Pelo contrário, visa-se a verificar, nos (variados) usos, tudo o que é possível fazer com a linguagem, pelo simples acionamento das solicitações de uso: exatidão ou inexactidão (quando essa for a intenção); elevação ou banalização (quando essa for a relevância); redundância ou inacabamentos (quando essa for a necessidade); etc. No centro está a noção de base funcionalista de que, à parte o núcleo duro da gramática de uma língua, tudo no uso linguístico são escolhas. Diferentes gêneros abrigam diferentes inserções das possibilidades de produção linguística, e, embora seja inatingível a lida com todas essas possibilidades, a simples visão de que é assim que a linguagem funciona já constitui abertura para uma percepção reflexiva da gramática (modo de funcionamento) da língua.

Palavras chave: Gramática do português - teoria funcionalista – gramática de usos

Introdução

Este trabalho faz apresenta uma gramática do português elaborada a partir de usos (NEVES, no prelo¹), com a mesma orientação teórica funcionalista, explicitada em Neves (1997, 2002, 2003, 2006 e 2010, entre outros), que orienta a *Gramática de usos do português* já publicada (NEVES, 2000), entretanto preparada com explícita ancoragem em textos, e com discursivização destinada à sua inserção no campo educativo (uma das vertentes deste evento).

Identities dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

Essa proposta de discussão escolar de uma gramática baseada nos usos valoriza o estudo gramatical ancorado na reflexão sobre a linguagem a partir de textos, com vista a verificar, nos (variados) usos, tudo o que é possível fazer com a linguagem, pelo simples acionamento das solicitações de uso: exatidão ou inexatidão (quando essa for a intenção); elevação ou banalização (quando essa for a relevância); redundância ou inacabamentos (quando essa for a necessidade); etc.

No centro está a noção de base funcionalista de que, à parte o núcleo duro da gramática de uma língua, tudo no uso linguístico são escolhas. Diferentes gêneros abrigam diferentes inserções das possibilidades de produção linguística, e, embora seja inatingível a lida com todas essas possibilidades, a simples visão de que é assim que a linguagem funciona já constitui abertura para uma percepção reflexiva da gramática (modo de funcionamento) da língua. Essa visão representa olhar reflexivamente a língua que se manifesta pela ativação da linguagem, em contexto de situação e em contexto de cultura (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY e MATHIESSEN, 2004), em inter-relações e em interfaceamentos. A proposta é fazer ver a gramática da língua como a responsável pelo entrelaçamento discursivo-textual das relações que se estabelecem na sociocomunicação, sustentadas pela cognição.

A direção teórica

A direção funcionalista de análise põe na base das reflexões sobre os usos, nos termos do que já tratei mais explicitamente em Neves (2006, p. 16-17), o reconhecimento da existência: (i) de processos acomodativos na vida da língua, sob determinação discursiva (DU BOIS, 1985); (ii) de uma liberdade organizacional dos falantes na constituição e na acomodação dos enunciados (GIVÓN, 1995); (iii) de um embasamento cognitivo da gramática no conhecimento que a comunidade tem a respeito da organização dos eventos e de seus participantes (BEAUGRANDE, 1993). Com esse reconhecimento se liga um conjunto de assunções funcionalistas, das quais destaco, respectivamente: para (i), a pressão da organização discursivo-enunciativa sobre o sistema, com abertura para reorganização do quadro das estruturas linguísticas, sempre dentro das regularidades previsíveis; para (ii), a pressão da relevância comunicativa dos eventos sobre o fluxo informacional do enunciado, sempre

Identities dynamics: variation and change in the Spanish of América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

sem perda de equilíbrio no empacotamento lexicogramatical; para (iii), a pressão dos interagentes do discurso sobre a organização dos enunciados, com abertura para maior ou menor marcação individual e subjetiva dos relevos, sempre sem quebra da sistematicidade da estrutura da língua.

Como aponto em Neves (2002), o que se faz nas propostas funcionalistas é falar de gramática falando de funcionamento e de funções, é configurar a gramática olhando para além da expressão lingüística, e, nesse tipo de análise, as estruturas que se ponham em exame “constituirão, em princípio, amostras de cadeias que apenas medeiam, não estabelecem, a interação, cadeias representativas de um determinado momento de equilíbrio instável da língua” (p.175).

Na exploração desses fundamentos, parto de assunções básicas em que tenho insistido (NEVES, 2006), e a primeira delas diz respeito à consideração de que, pela observação dos usos de uma língua particular historicamente inserida, pode-se chegar à explicitação do próprio funcionamento da linguagem. Também tenho apontado (NEVES, no prelo2), que isso implica reconhecer pelo menos três exigências de exclusão absoluta de determinados procedimentos:

- a) rejeição de um tratamento ingênuo e fácil que homogeneize os itens da língua, desconhecendo que o funcionamento de algumas classes de itens pode explicar-se nos limites da oração, por exemplo, mas o de outras só pode resolver-se no funcionamento discursivo-textual;
- b) rejeição de qualquer atividade de encaixamento em moldes pré-fabricados, tanto os que constituem uma organização de entidades metalingüísticas alheia aos processos reais de funcionamento quanto os que representam modelos para submissão estrita a normas lingüísticas sem legitimidade instituídas;
- c) rejeição de qualquer modelização que ignore zonas de imprecisão e/ou de oscilação, as verdadeiras testemunhas do equilíbrio instável que caracteriza a própria vida da língua, refletindo a sua constante adaptação segundo a força das pressões que se exercem sobre os usos.

Identities dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

Afinal, na direção de abrigar as determinações funcionais (portanto discursivas) da linguagem, entendo como conveniente a proposta funcionalista de uma moldura pragmática a governar a interação e a dirigir a produção de sentido, tanto na ponta da produção como na da recepção, ambas ativas e criativas.

A meta de reflexão escolar.

Dessas direções, altamente abrangentes, porque relativas a todo o universo de propostas de ação escolar que se possam prever para levar a gramática à escola, seleciono duas, pelas quais procuro mostrar que a avaliação dos usos é o objeto natural de uma gramática que não despreze nenhum dos componentes da interação, linha pela qual se pode avaliar a natural fluidez categorial dos itens da língua. Por aí ficam envolvidos, no programa escolar de exame do uso lingüístico, temas como: competição de motivações, sistematicidade e funcionalidade, percurso metafórico, força metonímica, gramaticalização, iconicidade, e correlatos. Dentro desses temas, muitas ilustrações de um encaminhamento escolar de tratamento da gramática que se assente na reflexão sobre os usos podem ser feitas, e delas tenho tratado abundantemente. Com base em análises apresentadas em Neves (no prelo³), trago a seguir duas dessas ilustrações.

A atenção ao complexo arranjo linear do conteúdo cognitivamente projetado.

Em uma tira do Snoopy, está o cãozinho recostado em uma pedra e Charlie Brown lhe pergunta: "Já tentou imaginar como é a garota de seus sonhos?". De olhos fechados, como que "sonhando" com deliciosos biscoitos, ele responde: "Olhos redondos como biscoitos, orelhas redondas como biscoitos, um nariz parecendo um biscoito...".

O que se vê no texto (lingüístico e imagético) é que, quando se pede ao Snoopy que imagine (mentalmente) e descreva (linguisticamente) a garota de seus sonhos, ele – meio sonhando – devolve uma frase em que constrói símiles inesperados para o tipo de configuração mental pedido. Com os mecanismos de expressão

Identities dynamics: variation and change in the Spanish of America

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

comparativa que a língua lhe dá, ele descreve os traços da garota “de seus sonhos” (seus olhos, orelhas e nariz, quanto a formato e a tamanho) por via de semelhança absoluta com aquele tipo de objeto que povoa o sonho e dirige a análise, os biscoitos.

É o momento de lembrar, pesarosamente, que, na sistematização gramatical escolar, temos jogado às traças o mecanismo de expressão comparativa, o qual responde exatamente pela essência da verbalização daquela capacidade de discriminar que, na verdade, é a que nos faz humanos, em oposição a todos os outros animais. Costumamos sistematizar esse mecanismo em dois momentos avulsos das aulas de gramática, que não respondem, minimamente, à realidade da expressão desse processo cognitivo básico da linguagem humana: o primeiro momento é a (pífia) apresentação de um quadro denominado “Grau dos adjetivos”, e o segundo é a inserção de um subtópico do quesito “Orações subordinadas adverbiais”, o subtópico relativo às “Comparativas”, das quais só se informa a listinha das “conjunções comparativas”: apresentam-se as conjunções **que** / **do que** para as orações comparativas de superioridade ou de inferioridade, e as conjunções **como** e **quanto** para as comparativas de igualdade. Geralmente esses elementos têm a contraparte dos advérbios **tão** ou **tanto** que estejam em uma oração anterior, e, assim, fica insensivelmente intocado o fato de que, dada a natureza do processo cognitivo de discriminar igualando, a língua tanto pode expressar a comparação (de igualdade) escancarando correlações (um **como** ou um **quanto** ligados a um **tão** ou a um **tanto**) como pode escamotear o complexo de componentes envolvidos na comparação, e apenas declarar uma semelhança altamente polissêmica, dentro da própria comparação que “igualar”, iniciada, por exemplo, com um **como**.

Muitas vezes se ensaia uma justificativa, em termos de facilitação, para tal tratamento da questão, mas ele não tem a mínima chance de aceitação, pelo que representa de artificialidade, de pobreza, e, mais que isso, de mentira. Exemplifico com o texto que segue, de Millôr Fernandes, a complexidade dessa operação discriminativa fundamental, pela qual o espírito humano vê as coisas do mundo comparativamente:

Tamanho é documento?

No psicanalista, Montalvão expôs seu problema – estatura. Pequeno demais. Ridículo. Vivia se comparando, se pondo na ponta dos pés pra se medir com os

Identities dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

outros. Tinha a sensação de que mesmo os menores eram muito maiores. Vida insuportável. Complexo angustiante.

O que é que um sábio psicanalista pode fazer com um cliente desses, lhe aumentar a estatura? O psicanalista fez o que sentiu conveniente no momento. Falou-lhe que o tamanho não é documento, que há inúmeras outras qualidades compensatórias no ser humano pequeno – a natureza é sábia –, e, pra mostrar que o que dizia era verdade, lembrou grandes homens pequenos – Lautrec, Chaplin, o general Giap, pra não falar do pequeno maior de todos, Napoleão.

Com uma só sessão – com uma só –, Montalvão saiu do consultório praticamente curado. Já olhava pros outros com um sentimento de normalidade, e se sentia, pela primeira vez na vida, quase eufórico. Quando, um dia, já pleno dessa nova exaltação existencial, ia entrando em casa, um gato o viu, pulou da sacada em cima dele e engoliu ele.

Aí está naturalmente explicitada essa operação de discriminação que, continuamente, a linguagem expressa, verbalizando o mecanismo comparativo. Ficam evidentes, no texto, componentes e processos ligados a essa operação, que são sucessivamente oferecidos:

a) Uma determinada qualidade de Montalvão. Ela constitui o eixo da comparação: vem expressa por substantivos (**estatura / tamanho**), e, logo a seguir, vem representada no adjetivo **pequeno**.

b) Uma intensificação (superlativização) dessa qualidade de Montalvão. Não há, ainda, entretanto, uma intensificação que anuncie comparação, só se diz: **pequeno demais**.

c) Uma sugestão (feita por meio de um verbo, logo a seguir) de que se trata de avaliação comparativa da qualidade: **pra se medir com os outros**.

d) Uma superlativização (relativa) da qualidade. Na expressão superlativa **os menores** há implicada uma comparação, feita em relação ao total do conjunto (sem necessidade de explicitação).

e) Uma comparação de desigualdade da qualidade (adjetivo que vem como predicativo, ou seja, como atributo desses que são **os menores**): **maiores**

Identities dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

f) Uma sugestão de que está implicada quantificação (por meio de um verbo e de um substantivo): **aumentar a estatura**.

g) Um registro (com adjetivo) do mecanismo de “compensação”, normalmente disparado por uma desigualdade na posse de qualidades: **outras qualidades compensatórias**.

h) Uma fixação dos elementos que possam funcionar como segundo termo da comparação: **lembrou grandes homens pequenos**.

i) Uma substantivação da qualidade em pauta (**estatura / tamanho**), para evidente referência histórica (a Napoleão): **o pequeno maior que todos**;

j) Uma superlativização (relativa) da qualidade. Ela é relativizada pela remissão a um conjunto de referência: **(o pequeno) maior**. Ou seja, fala-se dos “mais grandes”, mas entre os **grandes homens pequenos**.

l) Uma definição de grau. Trata-se do grau em que (depois da consulta com o psicanalista) Montalvão passa a entender que aquela qualidade em pauta (**estatura / tamanho**) possui: grau de **normalidade**.

Nesse texto, em que está tão representada a expressão do mecanismo comparativo da língua, não ocorrem os tais expedientes sempre apresentados como únicos instrumentos do estabelecimento de comparação na linguagem (as orações e as conjunções adverbiais comparativas), o que, mais uma vez, nos faz refletir sobre o fato de que esquemas isolados não são o melhor caminho para fazer entender aos alunos como funciona a língua que eles usam, e como podem ser apreciados os efeitos dela.

Fica muito evidente que o trabalho com a metalinguagem – essencial na reflexão sobre a apropriação dos mecanismos gramaticais da língua – tem de derivar da realidade dos usos, não pode ser oferecido em bandeja de pratos que já vêm feitos (e requentados).

Identities dinámicas: variação y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

A atenção à infinita produção de sentidos e efeitos ligada à fluidez de limites.

Fluidez de sentido na linguagem constitui um ponto facilimo de acompanhar, até porque essa indeterminação está na essência da interação lingüística. Sirva de amostra o conteúdo de outra tira com efeito de humor, esta de Thaves, em que Ernst, em uma "Escola de música", preparando-se para tocar seu violino, pergunta a Frank: "Quer que eu toque em tom menor ou maior?". Ao que este, apontando em postura profesoral para uma partitura, responde: "O menor possível."

A ideia óbvia que surge, num caso desses, é a de polissemia, a de que os termos **maior** e **menor** têm pelo menos duas acepções, e de que o aparente desacerto entre os interlocutores se deveu ao fato de que um deles se prendeu a uma interpretação semântica, e o outro se prendeu a outra. Assim explicada, a questão faz sentido, mas não foi tocada a essência da gramática da língua, já que a interpretação semântica é produto, não mecanismo de produção, e há um componente essencial que está sendo desconsiderado, aquele que toca o próprio estatuto categorial dos elementos. Na tira, Ernst se refere a subtipos de **tom** (sem nenhuma comparação de grandeza envolvida), enquanto Frank se refere a graus de volume do som, que ele sugere que seja **o menor possível**, com certeza por se tratar de um som desagradável aos ouvidos. A diferença toca pontos do sistema em que se resolve a gramática da língua, dentro do qual alguns "adjetivos" são do subtipo "classificador" (e, então, não constituem propriedades graduáveis), como esses subtipos de **tom** referidos na pergunta, enquanto outros são do subtipo "qualificador" (e, então, constituem propriedades graduáveis), como esse tom que na resposta se pede que seja **o menor possível**, ou seja, o de mais baixo volume possível.

Mais longe ainda é possível caminhar nessa diluição de fronteiras para a qual chamo a atenção, na consideração de uma visão mais realista da linguagem, em aulas de língua materna. Considere-se, por exemplo, o tratamento escolar do tempo verbal, que costuma ater-se à simples rotulação de uma ou outra forma verbal, sem atenção para a própria natureza dessa categoria (essencialmente dêitica) e da sua relação com outra categoria gramatical, esta completamente ignorada nas lições que se oferecem em sala de aula, a do aspecto (essencialmente não dêitica). Mesmo dentro da própria

Identities dynamics: variation and change in the Spanish of America

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

categoria tempo é facilmente apreciável a fluidez das fronteiras no espaço temporal da situação enunciativa. Sirva de amostra esta letra de canção de Chico Buarque (para música de Sivuca) que a seguir se transcreve (com grifos meus):

João e Maria

Agora eu **era** o herói e o meu cavalo só **falava** inglês
A noiva do cowboy **era** você além das outras três
E eu **enfrentava** os batalhões, os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque e **ensaiava** um rock para as matinês
Agora eu **era** um rei, **era** o bedel e **era** também juiz
E pela minha lei a gente **era** obrigada a ser feliz
E você **era** a princesa que eu fiz coroar
E **era** tão linda de se admirar
Que **andava** nua pelo meu país
(....)
A gente agora já não tinha medo
No tempo da maldade acho que a gente nem **tinha** nascido
Agora **era** fatal que o faz de conta terminasse assim
Pra lá desse quintal **era** uma noite que não tem mais fim
Pois você sumiu no mundo sem me avisar
E agora eu **era** um louco a perguntar
O que é que a vida vai fazer de mim

Nesse texto, a simultaneidade com um determinado momento de referência passado é feita por via da ancoragem desse passado num momento enunciativamente marcado como presente: o advérbio **agora**. O efeito é de criação de um mundo próprio (diferente do real) dentro do qual se encaminham as cenas, a partir do complexo **eu-aqui-agora** em que o **agora** deixa de ser um mero tempo presente do locutor para ser o mágico momento de fala do “Era uma vez...”, isto é, para ser um passado magicamente criado pela linguagem sem peias de que dispomos.

Considerações finais

A proposta de levar à reflexão escolar a linguagem viva tem defesa irrefutável no fato de que a linguagem constitui o reino no qual, decididamente, a escola se move, como, aliás, tudo se move. Essa visão tem a vantagem de escancarar o fato de que a língua sempre tem os arranjos necessários para resolver as infinitas projeções de conteúdo cognitivo, de necessidade comunicativa e de criação de mundos.

Identities dynamics: variation and change in Spanish of América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

Multifuncional que é, ela provê todas as segmentações e arranjos que se façam necessários, sem prisão a fórmulas prontas que engessem classes e funções. Com certeza, vale a pena levar a linguagem para a sala de aula com olhos na complexidade que faz o seu poder, não com a pregação de uma inércia que a desfigura.

Referências bibliográficas

BEAUGRANDE, R. A. *Introduction to the study of text and discourse*. Wien: Universitäts Verlag (pré-impressão), 1993.

BUARQUE, C. João e Maria. Disponível em: <http://chicobuarque.uol.com.br/construcao/mestre.asp?pg=jooemari_77.htm>. Acesso em: 22 jan. 2008.

DU BOIS, J.W Competing motivations. In HAIMAN, J. *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

FERNANDES, M. *100 Fábulas fabulosas*. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 149.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. 2. ed, London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; MATHIESSEN, C. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 2004.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. SP: Martins Fontes, 1997.

_____. *Gramática de usos do português*. SP: UNESP, 2000.

_____. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. SP: UNESP, 2002.

_____. *Guia de uso do português: confrontando regras e usos*. SP: UNESP, 2003.

_____. *Texto e gramática*. SP: Contexto, 2006.

_____. *Ensino de língua e vivência de linguagem*. SP: Contexto, 2010.

_____. *Gramática de usos do português*: Lições. São Paulo: EDUNESP. No prelo1.

_____. Fluidez categorial e organização textual: uma amostra de descrição gramatical funcional. In: BRAIT, B.; SOUZA-E-SILVA, C. *Texto e discurso em perspectiva polifônica*. São Paulo: Contexto. No prelo2.

Identities dynamic: variation and change in the Spanish of America

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

_____. A linguagem na reflexão escolar. In: GUIMARÃES, E. *Estudos linguísticos e literários aplicados ao ensino*. São Paulo: Editora Mackenzie. No prelo3.